

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ocupar-se da Educação ocupando a escola: sujeitos que produzem, questionam e compõem aprendizagens

Por: Bárbara Romeika Rodrigues Marques²
roma.barbara.roma@gmail.com

Resumo

Buscamos perseguir, a partir de quatro movimentos teóricos, estratégias para conceber a escola que questione e pense a si própria, a partir de seus múltiplos agentes e perspectivas. Afinal, se é possível traçar um caminho a partir do qual nossos espaços de educação formal possam se valer da instiga e emancipação dos sujeitos, será com o comprometimento e inserção de cada um dos envolvidos em seus processos basilares. Ter o aluno como aliado, por esta perspectiva, é convidá-lo a pensar a escola, e pensar na escola. O protagonismo potencializa-se com a base nos sujeitos autônomos, que se empenham em usar a potência humana de dar início a novos processos, sobretudo os que atestam a própria capacidade de recriar, propor, inventar e reinventar. Expressa, também, a urgência de buscar estratégias necessárias à construção do conhecimento em nossos espaços escolares que possam estimular e promover o interesse com as questões educacionais. Estratégias que pensem na ocupação dos alunos, ocupação não apenas de um corpo que se faz presente com bases na apatia, obrigação, burocracias, mas o corpo que pensa a si próprio como principal, constitutivo, que quer ocupar e ocupa. A ocupação dos espaços escolares sob a perspectiva do querer, com a multiplicidade de olhares que se somam, expressa uma educação que efetivamente

² É doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, é Mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, é Especialista em Docência no Ensino Superior pela Universidade Potiguar – UNP e Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. É Servidora Pública Federal, Docente de Filosofia no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, lotada junto ao Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET – RJ, atuando como Coordenadora do Ensino Médio, na Especialização, com a disciplina de Ensino, temas e perspectivas contemporâneas em Educação e Ensino; na Graduação, com a disciplina sobre Ensino e administração. Atua na Linha de Pesquisa sobre Educação, Filosofia, Filosofia da Educação, Ensino de Filosofia, Política e Metodologia de Ensino. Atua no Projeto de Pesquisa sobre Grupo de estudos e pesquisas em Filosofia e Educação, no Projeto de pesquisa sobre Filosofia e Ensino. Atua no Projeto de extensão sobre SEMEAR: Educação para a sustentabilidade. É autora de artigos científicos na mídia nacional. É co-autora no livro “Filosofia e ensino de Filosofia” (2015).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pensa e é pensada por seus agentes. Assim, ao considerar o aluno em seus contornos, instigas, potências... a escola enfim pode seguir com seus processos em consonância com aquilo que leva cada um a ser quem realmente é. A partir deste viés, cabe indagar: o que nos lega o movimento de ocupação das escolas (#ocupatudo)? Que força política o envolvimento com a educação pode legar?

Palavras-chave: Autonomia; Envolvimento; Emancipação.

Abstrakta

Ni serĉas persekuti, de kvar teoriaj movadoj, strategiojn por koncipi la lernejon, kiu pripensas kaj pensas al si mem, el siaj multnombraj agentoj kaj perspektivoj. Post ĉio, se ĝi eblas desegni vojon, de kiu niaj formalaj edukaj spacoj povas uzi la instigon kaj emancipiĝon de la subjektoj, ĝi estos kun la devontigo kaj aliĝo de ĉiu el tiuj, kiuj okupiĝas en siaj bazaj procezoj. Por ke la studento kiel aliancano, de ĉi tiu perspektivo, invitu lin pensi pri lernejo kaj pensi pri lernejo. La protagonismo plifortigas la bazon de la aŭtonomaj aferoj, kiuj strebas uzi la homan potencon komenci novajn procezojn, precipe tiuj, kiuj atestas siajn kapablon por amuzi, proponi, inventi kaj reinventi. Ĝi ankaŭ esprimas la urĝecon serĉi strategiojn necesajn por konstrui scion en niaj lernejoj spacoj, kiuj povas stimuli kaj promocii intereson pri edukaj aferoj. Strategioj, kiuj pensas pri okupado de studentoj, okupado ne nur de korpo, kiu ĉeestas kun bazoj de apatio, devigo, burokratioj, sed la korpo, kiu pensas sin kiel ĉefa, konstituta, kiu volas okupi kaj okupi. La okupado de lernejoj spacoj de la perspektivo de manko, kun la multobla aspekto, kiu esprimas edukon, kiu efike pensas kaj pensas per siaj agentoj. Tiel, konsiderante la studenton en ĝiaj konturoj, instigoj, potencoj ... la lernejo fine povas sekvi kun siaj procezoj laŭ la kondukado de ĉiu, kiun li vere estas. De ĉi tiu paŝo, ni devas demandi: kio movas nin movado de okupado de lernejoj (#okupatudo)? Kio politika forto povas partopreni kun edukado?

Ŝlosilvortoj: Aŭtonomeco; Envolvado; Emancipado.

Abstract:

We seek to pursue, from four theoretical movements, strategies to conceive the school that questions and thinks to itself, from its multiple agents and perspectives. After all, if it is possible to draw a path from which our formal education spaces can use the instigation and emancipation of the subjects, it will be with the commitment and insertion of each one of those involved in their basic processes. To have the student as an ally, from this perspective, is to invite him to think about school, and to think about



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

school. The protagonism is strengthened by the basis of the autonomous subjects, who strive to use the human power to initiate new processes, especially those that attest to their capacity to recreate, propose, invent and reinvent. It also expresses the urgency to seek strategies needed to build knowledge in our school spaces that can stimulate and promote interest in educational issues. Strategies that think of the occupation of students, occupation not only of a body that is present with bases on apathy, obligation, bureaucracies, but the body that thinks to itself as main, constitutive, that wants to occupy and occupy. The occupation of school spaces from the perspective of want, with the multiplicity of looks that add up, expresses an education that effectively thinks and is thought by its agents. Thus, when considering the student in its contours, instigations, powers ... the school can finally follow with its processes in line with what leads each one to be who he really is. From this bias, we must ask: what moves us the movement of occupation of schools (#ocupatudo)? What political force can involvement with education bequeath?

Keywords: *Autonomy; Involvement; Emancipation.*

É possível convidar o espírito da autonomia à escola, é possível cultivar e conservar alegria, espanto, curiosidade, experimento e força em distintos segmentos escolares no empreendimento do devir-gênio, do sim à vida? a partir de quais estratégias a construção do conhecimento em nossos espaços formais de educação garantirá a emancipação dos sujeitos e mediará a autonomia da aprendizagem, no cerne de seus acontecimentos? Se por um lado não pode haver uma cartilha de diretrizes a guiar o exercício dos envolvidos no processo escolar, por outro é com a perspectiva da emancipação dos sujeitos que uma prática educacional pode se espalhar na disposição aos novos inícios.

É possível aos distintos segmentos educacionais incorporar o *modus operandis devir-criança*, do sujeito emancipado? Por quais perspectivas os movimentos educacionais da *escola que queremos* darão conta de transvalorar valores, em relações

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que se amparem no espanto e na contravenção da pergunta, no ambiente da educação formal? Questões alinhadas ao envolvimento com a educação, no atual contexto histórico: nas ações e relações, nos sentidos que são conferidos ao conhecimento e na relação deste com os modos de envolvimento com o espaço de aprendizagem. Constitui e busca o movimento do pensamento que se reconhece no campo de batalha entre expectativa e realidade, entre a escola que temos e a que queremos. Por isso, as perguntas que direcionam o desenvolvimento desta comunicação propõem suscitar caminhos para pensar em modos a partir dos quais o ambiente escolar possa combinar, em suas ações e relações, caminhos para a expressão do “espírito livre” e do gênio nietzschiano, na busca pela autonomia. Modos e possibilidades para trazer à tona o interesse e a paixão pelo mundo, na circunscrição da pluralidade e singularidade deleuziana, com o fito de nortear as práticas educacionais e para que a habilidade de produzir conceitos seja também a capacidade de pensar as inserções humanas na escola. Afinal, quais as possibilidades que o processo ensino aprendizagem precisa visitar para vermos transitar a emancipação dos sujeitos em nossas escolas?

Dentre infinitas possibilidades, propomos um caminho investigativo que insurja contra o medo, contra a servilidade logocêntrica e a imitação servil dos parâmetros fragmentários de saberes, contra as sublimações da intuição, do corpo, a negação dos aspectos dionisíacos, caros tanto a Nietzsche quanto a Deleuze. Com estes podemos nos valer das armas para lutar contra exclusividade da tendência especulativa imobilista. A partir deste referencial teórico intuimos nossas próprias metodologias e didáticas cotidianas: uma pedagogia do enfrentamento, na abertura e na esperança do envolvimento crítico e participativo dos sujeitos, na permissão das potencialidades dos impulsos humanos. Ao pensar nos sentidos da educação, o caminho de reinvenção faz-



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se mediação e finalidade, com o qual cada professor ou professora, aluno ou aluna tem a possibilidade de fazer valer seus domínios mais específicos.

Enquanto Nietzsche nos inspira à preeminência do instinto humano autêntico, da afirmação da vida em todos os aspectos, e explora o aspecto crítico da tradição logocêntrica, com Deleuze podemos considerar o caráter filosófico da criação de conceitos, no diálogo com os conceitos já instaurados pela tradição. Nomear, mapear, reinventar estratégias do experimento, da intuição, da criação a partir de um sujeito-peça constituinte. Por este viés, ainda que os dois autores estejam circunscritos num eurocentrismo estrito e que se ancorem sob as bases daquilo que critica – *logos* – o legado proposto neste caminho crítico nos inspira à busca pela potência criadora das reinvenções: com eles e com o horizonte das novas direções, mapeamos outros campos conceituais para solos latinos, para acontecimentos de vidas para-além dos muros e esquemas europeus: o currículo a partir da invenção/ reinvenção; A presença do professor a partir da emancipação de si; A atuação deleuziana da emancipação nos movimentos de sala de aula. A construção do conhecimento a partir da intuição, criatividade, do cultivar da curiosidade. Movimento de construção e desconstrução: cultivar paixões pelo mundo humano e plural, pelo empreendimento com o conhecimento-vida. Vincular arte, vida, indivíduo; sociedade, sujeito e autonomia; transvaloração. O eu e o nós. Reinventar. Fazer com que tudo o que é de fora seja incorporado, modificado, *regurgitado*. Lançar um convite à produção do conceito ao modo deleuziano, no “fazer com” empreendido em cada estudante pode ser problematizado o ensino pautado exclusivamente na “mimesis” dos modelos de importação, na reprodução irrestrita do conceito sacramento repetido. No lugar da centralidade de um fazer pedagógico conteudista e fixado na figura do mestre como

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

agente da transferência de conteúdo, convida aos espaços escolares o “pensar com” e o pensar.

E, afinal, com o intuito de considerar a intercessão do referencial teórico nietzschiano com as especificidades da educação, o caminho é o de buscar reafirmar em potência o aparecimento do gênio, do espírito-livre, do indivíduo capaz de se usar da racionalidade com autonomia. Se quisermos convidar os integrantes da composição escolar ao pensamento autônomo, transitório, inacabado, se quisermos tentar arriscar um novo início, no contra-fluxo e na resistência, acolhemos o conceito de “gênio” conferido sob perspectiva nietzschiana. A genialidade, para Nietzsche, posiciona-se contra as amarras da cultura ocidental e os sintomas da “décadence”, para instaurar a relação entre natureza e humanidade da qual se insurge o sentido comum a uma época. A crítica ao modelo socrático-platônico, da modernidade reducionista e da cultura mercantil, abastece a dimensão política intrinsecamente vinculada à possibilidade de edificação do espírito livre, das potencialidades criadoras da autonomia, posicionando a abertura da extensão autêntica da vida, que apresenta o substrato para a efetivação do homem emancipado e autônomo, sujeito crítico e conhecedor do caminho que tem a percorrer até chegar a ser o que se é.³

Com Nietzsche, aprendemos a considerar o espírito livre, na representação do indivíduo-resistência, do homem-exceção, posto que o sentido contra-cultural do espírito livre tem a força não da repetição irrestrita do conceito, das demarcações tradutoras, mas corresponde em igual potência ao modo de viver e escrever do próprio

³ “Neste lugar, já não devo esquivar-me a fornecer a resposta verdadeira à pergunta: como se chega a ser o que se é. E afloro assim a obra-prima na arte da autoconservação – do egoísmo... Se se admitir que a tarefa está bastante acima de uma medida média, nenhum perigo seria maior do que defrontar-se com semelhante tarefa. Chegar a ser o que se é pressupõe que se tem uma suspeita mínima do que se é”. (NIETZSCHE, 1995, p. 61)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Nietzsche, na expressão das forças *agonísticas* – da resistência e da superação, da criação e da dor – dos instintos constitutivos do espírito que se percebe verdadeiramente livre pra ser quem ele é, na inexata experiência de cada infância que habita crianças ou adultos. Por isso, ao incitar a consolidação do homem intuitivo, ao oferecer sua própria vida e literatura como experiência, e ao ser uma forte voz de resistência aos direcionamentos da modernidade, sua filosofia se lança à abertura do pensamento livre. O aparato reflexivo não se propõe a “ensinar a pensar”, não prescreve nenhuma fórmula, na crítica que Nietzsche empreende “não se trata de justificar, mas sim de sentir de outro modo: uma outra sensibilidade.” (DELEUZE, 1976, p. 86).

Depois do encontro com Deleuze e Nietzsche, o que resta a nós, sujeitos constitutivos da escola – com os respectivos significados dos processos de formalização caros ao direcionamento moderno? Sabemos que o fazer pedagógico não se submete aos esquemas pré-moldados, manejos sistêmicos ou aparatos estruturais. Do contrário, toma, devora e transforma os caminhos daqueles que se propõem a pensar a educação e a própria vida de tal modo que se convalide na intuição e na inquietude o espírito emancipado, na genialidade de dizer sim aos aspectos constitutivos da vida, do indivíduo que se desdobra no espírito livre, no movimento da intuição que não se deixa encarcerar. “Aprender a aprender”, aprender a amar o conhecimento e aprender a participar dos movimentos constitutivos dos acontecimentos escolares, inventa e visita conceitos, porque não se prende às demarcações estritamente lógico-matemáticas. O gênio da humanidade não padece do medo. O logocentrismo não restringe seus domínios, o condicionamento não esbarra sua intuição, a repetição irrestrita não domina seus impulsos mais vitais. É o movimento de alegria e força que reafirma um



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

gênio e é o sim da infância que reescreve a genialidade. O gênio apreende o mundo também com o corpo: suas formas de se relacionar com o conhecimento realizam o movimento como possibilidade lúdica.

Com o fito de problematizar o ensino pautado exclusivamente na “mimesis” dos modelos de importação, na reprodução irrestrita do conceito áureo, puro, Oswald de Andrade endossa o coro, com Nietzsche e Deleuze. A potência subversiva, criadora e inventiva do movimento antropofágico traz à tona a atenção necessária à diversidade dos processos de formação e às possibilidades de se contar outras histórias – a partir do contexto cultural as potências aprendentes e ensinantes, em suas múltiplas expressões e possibilidades. Assim, a percepção e o desenvolvimento da autonomia e da potência inventiva dos estudantes, bem como a criação de novos conceitos no diálogo com os conceitos já instaurados pelo conhecimento da tradição, não podem se isentar da imersão no multifacetado potencial das especificidades a partir das quais os campos curriculares necessitam investir.

Valer-se da produção do conceito deleuziano, reafirmar os aspectos antropofágicos da alteridade, elencar *diversidades* às regras universais de julgamento e leis universais que demarcam o saber escolar significa se inserir no mundo, com o arroubo do desafio de refletir, ousar, propor. Cada singularidade reafirma, assim, o ímpeto destruidor da tradição e o respeito a ela, ao afirmar a autonomia de si, e a expressão histórico-cultural de um povo. A *antropofagia do conceito* como lastro procedimental expressa uma pedagogia-manifesto para anunciar a legalização dos espaços de autonomia na sala de aula. Da potência do conceito, a partir da assimilação impura – da negação e da afirmação. Pensamento vivo, afirmativo e corrosivo, na desconstrução e reconstrução do conceito dado. Pois, “aprender não se restringe a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

adquirir conhecimento. Aprender não é somente resolver problemas, mas, sim, problematizar, produzir, inventar problemas.” (CLARETO, S. maria; NASCIMENTO, L. A. S)

Pela proliferação dos impulsos criativos, na experiência lúdica da incorporação: autonomia na sala de aula, revitalização da coragem da ação e da palavra autêntica. Pela legalização da alegria em sala de aula como prova dos nove. Afinal, se a “alegria é a prova dos nove” (ANDRADE, p. 67), por que ela não vem compor a sala de aula?; Interessa ao educador que aprende também do outro e pelo outro, o entusiasmo criador do movimento antropofágico e seus intermédios no ambiente escolar. Afinal, o exercício do aluno em sua singularidade espelha um movimento de incorporação do conhecimento: devorar o conceito (como nos convida Deleuze), regurgitá-lo a partir da afirmação de si (tal qual Nietzsche). O eu, o outro, o nós. Antropofagia cultural, cerceamento dos compostos procedimentais do lugar-solo de onde se aprende. O modo de incorporar, de devorar o que é o outro, de sorver-lhe o que há de melhor para partir da incorporação e fazer surgir o novo, é a inspiração e é arma, pois, para questionarmos as formas constituídas em metodologias, currículos, na disciplinarização e controle da moderna educação o ponto de partida passa a ser a autonomia do sujeito. “A vida é devoração pura”. (Idem, p. 139)

O aspecto oswaldiano de localizar o multifacetado potencial inventivo brasileiro constitui movimento contínuo e inconstante de quem constantemente aprende a aprender e aprende a ensinar, cotidianamente, pois com ele podemos nos armar de elementos para pensar outros modos educacionais, outras inserções com o conhecimento. De um sujeito localizado cultural e historicamente, dentro de contextos próprios, comuns e incomuns, na novidade que cada nascimento logra ao mundo. A



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

abertura que esse movimento confere às formas escolares – conteúdos, possibilidades curriculares, os procedimentos didático-metodológicos, modos de relações que se estabelecem na escola, dentre outros – encaminha-nos à perspectiva da invenção e reinvenção de aprender e ensinar.

Com o fortalecimento intelectual da intuição, da autosugestão de modos do fazer e da reafirmação da criatividade intelectual, a força de ser o que se é revela-se a potência do sim e a autonomia do sujeito: do “sim, nós podemos” nos processos escolares; da curiosidade na descoberta do conhecimento, do *amor mundi* ao modo arendtiano; da permissão de um mundo de possibilidades emancipatórias; da ousadia de convidar a alegria a entrar na sala de aula – em distintos segmentos escolares.

Com os devidos descaminhos das reticências, somos levados a um *querer-reinventar* a vontade de potência propositiva, na captura de Rancière os modos de ser um mestre ignorante. Dessa forma, compõe essa combinação de intuições, conceitos, perspectivas, caminhos e descaminhos o personagem Joseph *Jacotot*, a partir do livro “O mestre ignorante” na atuação intuitiva de quem emancipa o outro, emancipando também a si, a partir das práticas escolares. E por que não pensar um novo começo a partir e com a Educação? Ao devorar Rancière enxergamos para além dos arranjos burocráticos do sistema escolar e com ele o educador atento ao cuidado com o outro investe e cultiva o hábito de refletir sobre o exercício da docência e propõe questionar: quem é esse outro que aprende? Qual a melhor maneira de potencializar os mecanismos da construção do conhecimento nos vincos do processo ensino-aprendizagem? De que modo conseguiremos intensificar nosso potencial crítico e criativo em ambiente escolar? Existe em mim, professor ou professora, a autonomia do pensamento para que a partir de então esse outro também esteja emancipado?



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Problematizar sentidos e práticas educacionais passa ser o ponto de partida e o desafio dos envolvidos com o acontecimento escolar. É então que o educador, essa peça-chave de uma engrenagem complexa que não se deixa cercar em fórmulas, esse desbravador-experimentador de distintos meios, passa a investir nos movimentos de constituição, na construção das relações e entendimentos da ação. Afinal, é tomando como base a inserção crítica e o investimento reflexivo a partir que pensamos nosso acontecimento escolar: pensando com, suscitando o pensamento que questiona, propõe, e confere novos inícios. Se quarenta alunos habitam uma sala, quarenta e um são aprendentes e ensinantes, posto que os papéis se permutam na condição da vida de se reciclar em seus aspectos menos prováveis e mais transitórios. Afinal, professor não tem nada a aprender? aluno, este “ser sem luz” nada tem a permutar? Se tantos outros e outras para além das perspectivas de Nietzsche, Deleuze, Oswald de Andrade e Jacques Rancière contribuem para composição da educação que se ocupa de si própria, que opera a partir das relações de autonomia e construção de conhecimentos, estes são expressão de uma linha de convergência para se pensar uma educação que permita o aparecimento de atores emancipados – que tanto pense as práticas comuns ao processo de ensino-aprendizagem quanto busque, com o aparato crítico, aprimorar as relações e acontecimentos comuns à escola.

Problematizar o contexto dos acontecimentos escolares é, sobretudo, considerar a perspectiva de quem aprende, permitir perguntar de que modo o aluno é capaz de pensar por si os elementos dos quais se vale para obter, fixar e aproveitar os conhecimentos adquiridos na escola. Afinal, se considerarmos distintas didáticas enquanto “pedagogias do experimento” cabe sobretudo ao aluno a co-participação no processo reflexivo e na deliberação de aplicabilidades dos processos relacionados.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Experimentar o movimento da reflexão como meio de conferir o deslocamento a outras perspectivas educacionais, em novos modos se relacionar com os processos de formação que permitam, em especial, a emancipação do ser, na localização de uma *experiência da autonomia* para as práticas escolares e na formação/transformação de quem aprende e ensina.

Até onde nos leva o movimento de questionar os vincos da educação formal a partir de diálogos possíveis, com Nietzsche, Deleuze, Rancière, Oswald de Andrade? Que intercessões, caminhos e direções nos fornecem as possibilidades de uma educação emancipada? Sem encerrar uma fórmula pronta e ao problematizar as dobras obtidas no percurso didático, cada componente que se lance à docência percebe que a multiplicidade de variáveis que acompanha o cotidiano escolar e cada indivíduo-universo componente dessa totalidade requer antes de tudo enfrentamento. Contravenção às regras tão bem estabelecidas e uma certa anarquia frente a valores que se petrificam pela repetição incondicional, normatizações e burocracias que antes transformam o maquinário humano em engrenagem mecanicista: destitui-se o humano do indivíduo para em seu lugar fazer morar o homem repetição, o homem-número. O sistema bem articulado das leis dos mecanismos de dominação, fígam pela obrigação, cooptam pelo aprisionamento administrativo, transformam a escola no teatro do fingidor – aquele que finge ensinar, aquele que finge aprender e os que suportam estar onde está com vistas a algo que virá. Algo que no horizonte da escola que espelha o mundo moderno, transforma e é transformado em moeda de troca das relações mercadológicas. Porquanto o promessa da *melhoria da vida* se resume no horizonte da vida individual e ascensão social/fincanceira, a educação serve e é servida ao maquinário previsível da instrução: forma-se um ofício, ensina-se a repetir.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Mas, afinal, de quais as armas podem se valer aqueles para quem a potência aprendente e ensinante torna-se clarão, no breu de questões já tão bem asseguradas pela força do *assim-é, assim-será*, solo instituinte da maioria das escolas formais, *status quo* da estrutura fundamental do sistema educacional brasileiro? A bandeira que se visualiza ao longe transparece letreiros de um movimento embalado primeiro pela inserção crítica para em seguida convocar a intuição como aliada ao conhecimento. A intuição de não buscar nas fórmulas, metodologias e procedimentos a chave do exercício docente, mas que investe no experimento de cada componente basilar, indivíduo-universo, aluno. O pensamento emancipado que convoca cada peça-componente para tomar parte e fazer parte nesse todo escolar faz do aparato intuitivo seu pressuposto: ele instiga a “pensar com”, valida cada potência inventiva e trata de recriações com a liberdade de quem além de repetir, também sabe executar, com autonomia e liberdade.

Ter o estudante como aliado, por esta perspectiva, é convidá-lo a pensar a escola, e pensar na escola. A autogestão de si só se torna possível com a base nos sujeitos autônomos, que se empenham em usar a potência humana de dar início a novos processos, sobretudo os que atestam a própria capacidade de recriar, propor, inventar e reinventar. Expressa, também, a urgência de buscar estratégias necessárias à construção do conhecimento em nossos espaços escolares e que possam instigar e promover o comprometimento de cada um dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Estratégias que pensem na ocupação dos alunos, ocupação não apenas de um corpo que se faz presente com bases na apatia, obrigação, burocracias, mas o corpo que pensa a si próprio como basilar, constitutivo, que quer ocupar e ocupa. de que modo tornar possível que nos ocupemos, filosoficamente da educação? De que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

modo instigar o aparecimento de sujeitos que produzem, questionam e compõem aprendizagens?

Para não finalizar: Notas a partir de um exemplo-inspiração – o que aprender com o movimento #ocupatudo?

A ocupação dos espaços escolares sob a perspectiva do querer, com as vestes coletivas de olhares que se somam, expressa uma educação humanizada que efetivamente pensa e é pensada por seus agentes. Assim, considerar o aluno, em seus contornos, instiga, potências... quando do convite para que venha a compor espaços e transitar na composição de currículos, avaliações ou mesmo no entendimento de processos administrativos, burocráticos... a escola enfim pode iniciar e seguir com seus processos em consonância com aquilo que cooptamos nas filosofias mencionadas no presente trabalho.

A inspiração para que possamos criar e recriar uma escola ocupada por empenho e querer, mediada pela *pedagogia da alegria* e com vistas à emancipação dos sujeitos, mostra-se, no atual contexto brasileiro, a partir, por exemplo, do movimento *#ocupatudo*: a expressão da coletividade dos alunos fornece algumas pistas para tal:

Os estudantes da rede estadual estão ocupando as escolas do Rio de Janeiro, desde o dia 21 de março de 2016. Ao longo do mês até o dia 14 de abril deste ano, 34 escolas já haviam sido ocupadas. Os estudantes que estão nessas ocupações lutam por melhorias na merenda escolar e na infraestrutura das escolas, além disso, apoiam a greve dos professores, pelo pagamento do salário atrasado e melhores condições de trabalho, lutam também contra os cortes de verbas que ocorreram na educação estadual. Para os alunos que já estavam indignados com o descaso pela educação, pela falta de equipamentos nas escolas e condições de trabalho dos professores e de estudo para os alunos, com o apoio de professores, decidiram radicalizar ocupando as escolas, para que a sua voz seja, enfim,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ouvida. Nessa ocupação, são realizadas atividades nas escolas pelos próprios alunos, entre elas: pré-vestibular, grandes aulas públicas, com temas como história, sociologia, e ainda, debates para discutir os reais problemas da sociedade a partir de temas atuais. Os alunos organizados no movimento *#ocupatudo* fizeram pautas internas de reivindicações, mas também elaboraram pauta coletiva para todos que ingressarem no movimento. Destacamos pontos principais das pautas propostas coletivamente: *Eleição direta para diretor em cada escola; * Passagens ilimitadas no RIOCARD, não mais passagens limitadas a ida e volta por dia; *Provas feitas pelos professores e não pelo Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro (SAERJ), que é uma empresa terceirizada; *Apoiam também a pauta dos professores em greve, que exigem, por exemplo, solucionar os atrasos no calendário de pagamentos dos salários e acabar com os ataques ao regime previdenciário;* *Fim do currículo mínimo, que todas as escolas tenham uma boa infraestrutura*, (AZEVEDO)

O protagonismo dos estudantes, a tirar pela autogestão, organização coletiva e capacidade de mobilização a partir das mídias, são itens cabais para que possamos considerar a ocupação dos espaços com a base no querer e pertencer: não há relação com obrigação, não há promessa de obtenção de notas, por que alunos e alunas se apropriam da escola? A percepção desses jovens ocupantes demonstra ser do papel colaborativo o sentido da atuação direta nas deliberações escolares, ao passo que ampara e fundamenta que é “pensar a” e “pensar na escola” a chave para o comprometimento efetivo de suas partes. As “lições” que fornecem cotidianamente esses alunos ocupantes são mais que pistas para que possamos pensar um outro *lócus* escolar, constitui-se o estopim para se refletir o empreendimento de outros sujeitos escolares, com vistas à emancipação, autonomia do pensamento e potencialidade investigativa e inventiva.

Buscamos perseguir, a partir de quatro movimentos teóricos, as estratégias para se pensar a escola que questione e pense a si própria, a partir de seus múltiplos agentes e perspectivas. Afinal, se é possível traçar um caminho a partir do qual nossos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

espaços escolares possam se valer da instiga e emancipação dos sujeitos, será a partir do comprometimento e inserção de cada um dos envolvidos em seus processos basilares. O que o movimento autônomo iniciado por estudantes tem a nos dizer sobre nossas ações? Será que nos permitiremos a inspiração necessária aos passos subsequentes?

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald. **A utopia antropófaga**. São Paulo: Globo, 2011.
- ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- .AZEVEDO, JULIANA LIMA. “#OCUPATUDO O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM AS ESCOLAS RIO DE JANEIRO?” [HTTP://CLIPPSOCIOAMBIENTAL.BLOGSPOT.COM.BR/2016/04/OCUPATUDO-O-QUE-ESTA-ACONTECENDO-COM-AS.HTML](http://clippsocioambiental.blogspot.com.br/2016/04/ocupatudo-o-que-esta-acontecendo-com-as.html). ACESSO EM: 09.05.2017.
- CLARETO, Sônia Maria; NASCIMENTO, L. A. S. “A sala de aula e a constituição de um currículo-invenção” *In* Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 3, p. 306-321, Set/Dez 2012.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1994.
- LARROSA, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” *In* **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 2-28, 2002.
- NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia da Letras, 2005a.
- _____. **A Visão Dionisíaca do Mundo, e outros Textos de Juventude**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. **Assim falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- _____. **Correspondência com Wagner. Apr. por Elizabeth Foerster-Nietzsche** Lisboa: Guimarães Editores, 2001.
- _____. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- _____. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- _____. **Escritos sobre Educação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- VATTIMO, Gianni. **Diálogo com Nietzsche**. Ensayos. Buenos Aires: Paídos, 2001.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

XAVIER, Ingrid Muller. "Filosofia em tempos de adrenalina" *In* KOHAN, Walter O. (org.). **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.